

Construção da personagem e da memória em *Primeira Manhã* de Dalcídio Jurandir

Elielson de Souza Figueredo¹

Manoel Edmilson Costa de Sousa²

Erlane Conceição de Oliveira Reis³

RESUMO: Este artigo discute acerca de como se dá o processo de construção da personagem do romance. A base para exemplificação será o sexto romance do ciclo romanesco do Extremo Norte de Dalcídio Jurandir, *Primeira Manhã*. Para melhor análise e discussão, no decorrer desse trabalho teve-se discussões levantadas por Brait (1985) sobre personagem, Candido (2004) sobre construção da personagem, Le Goff (1990) com sua discussão de tempo e memória na narrativa, entre outros autores que serviram de suporte.

Palavras-chave: Personagem; Primeira Manhã; Memória; Verossimilhança.

Introdução

Com este artigo, objetiva-se discutir acerca da construção da personagem, de suas características, ou seja, o elemento que aproxima o leitor da obra, e tratar também de um dos elementos responsáveis para a construção da personagem: a memória.

Portanto, o foco será mostrar os diferentes tipos de personagens e seus processos de construção, ressaltando a importância da caracterização destas para a compreensão do romance *Primeira Manhã*, de Dalcídio Jurandir. Tratar-se-á como o modo de caracterização das personagens e a memória são elementos relevantes na narrativa, enfatizando como a memória influencia na composição delas.

Construção da Personagem

Na obra *A Personagem de Ficção*, mais precisamente no capítulo *A Personagem do Romance* (2004), Antônio Cândido fala dos principais aspectos do romance, dando ênfase à discussão sobre as diversas formas que as personagens podem ter.

O que define um romance são o enredo e as personagens, pois exprimem um sentido ao romance, representam a matéria, e as ideias representam o significado. Em meio aos elementos constituintes do romance, a personagem é a que representa a possibilidade

¹Professor da Universidade do Estado do Pará – UEPA.elielson@yahoo.com.br

² Concluiu a Especialização Interdisciplinar Linguagens e Culturas da Amazônia / Universidade Federal do Pará – UFPA / campus de Bragança. manoel.edmilson1@gmail.com

³ Graduada em Letras-Licenciatura Plena em Língua Portuguesa/ Universidade do Estado do Pará – UEPA / campus de Paragominas. lanne_reis@hotmail.com

de adesão afetiva e intelectual do leitor, é o elemento que faz com que o leitor se aproxime e se interesse pelo romance, pois a personagem parece ser o que há de mais vivo em uma obra, porém, o autor ressalta que é um erro pensar que a personagem é o essencial do romance, pois um romance não existe sem os outros elementos. Sendo assim, a personagem é sim, o elemento mais vivo, mais atuante mais comunicativo da arte novelística, mas só adquire pleno significado se configurado num contexto e, portanto, a construção estrutural é a maior responsável pela força e eficácia de um romance.

Em *Primeira Manhã*, Alfredo é a personagem principal, porém, o romance não é constituído somente em função dele, há diversas histórias que se entrecruzam e complementam a história que o autor quer passar, ou seja, há todo um contexto que o torna personagem principal, porém, a maneira como a narrativa é estruturada é essencial para que tenha sentido, de acordo com os demais elementos constituintes da narrativa.

Parece paradoxo dizer que a personagem é um ser fictício, porém, a criação literária o admite, pois é uma criação da fantasia que se comunica com a verdade existencial, então, pode-se dizer que “o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (CANDIDO, 2004, p. 55), essa relação consiste em verossimilhança. E, para que haja essa verossimilhança é de extrema importância assim como as semelhanças tratar também das diferenças entre o ser vivo e os entes de ficção. *Primeira Manhã* é repleta de verossimilhanças à medida que trata de espaços (Belém, Cachoeira etc.), de valores sociais e culturais que condizem com a realidade, como por exemplo, nesta obra, há personagens (o próprio Alfredo) que têm a necessidade de se deslocar para outros locais para poder ter acesso ao estudo e, foi essa, senão é, a realidade de pessoas de diversos lugares do mundo.

A noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, ao menos em relação à percepção física inicial, diante disso, Cândido afirma que o conhecimento dos seres é fragmentário. Desse modo, quando o romance aborda as personagens de modo fragmentário nada mais faz do que retomar, no plano da técnica de caracterização, a maneira como elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. A visão fragmentária, no romance, é criada, estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, ou seja, trata-se de uma visão incompleta, sendo assim, ao escrever uma obra o autor seleciona as informações e as características que julga pertinentes. A diferença dessa caracterização é que no romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica da personagem e, a nossa interpretação dos seres vivos é mais fluida, variando de

acordo com o tempo ou as condições da conduta. No romance pode haver variação de interpretação das personagens, porém, o escritor já delimitou sua coerência, sua existência e seu modo de ser e, ao simplificar a caracterização da personagem, o romancista a torna de certa forma verossímil aos seres vivos.

A caracterização é um elemento que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a dar a impressão de vida perante o leitor. Esse elemento permite ao romancista dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, mas a interpretação que o leitor tem é muito mais precisa do que a que vem da existência. Quanto mais o romancista consegue combinar elementos de caracterização, mais a personagem é complexa e múltipla.

Nesse sentido, o romance moderno (do século XVIII ao começo do século XX) desenvolveu uma tendência constante do romance de todos os tempos: foi no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, devido à necessidade de caracterização, para então tratar as personagens de dois modos principais: como seres íntegros e facilmente delimitáveis, ou seja, do começo ao fim são as mesmas perceptíveis características, e, como seres complicados, ou seja, têm muitas características, que vão se mostrando no decorrer do romance. Desse modo, a revolução sofrida pelo romance no século XVIII foi a passagem de um enredo complicado e personagem simples para enredo simples e personagem complicada.

Primeira Manhã é um exemplo dessa mudança, pois as personagens, principalmente Alfredo, são caracterizadas mais psicologicamente do que fisicamente, sendo assim, à medida que a obra se passa, essas personagens vão se definindo.

Na técnica de caracterização definem-se duas famílias de personagens, que Johnson⁴ chamava de “personagens de costumes”, são personagens divertidas, apresentadas por traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados, é o processo de caricatura: personagens cômicos, pitorescos, invariavelmente sentimentais ou trágicos. E “Personagens de natureza” que são personagens de traços superficiais, não são imediatamente identificáveis. O romancista de costume, segundo Johnson, vê o homem pelo seu comportamento em sociedade, por suas relações. O romancista de natureza vê o homem à luz de sua existência profunda, não se explica por suas relações.

Mais atual que Johnson, Forster (1949)⁵ retomou a distinção falando em “personagens planas” e “personagens esféricas”, as planas eram chamadas *temperamentos* no

⁴ Apud CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 61.

⁵ Apud CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 61.

século XVII, são chamadas tipos e caricaturas, são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade, ou seja, não sofrem mudança. Cândido diz que as esféricas não são claramente definidas por Forster (1949), mas conclui que são organizadas com maior complexidade, são capazes de nos surpreender. Se a personagem nunca surpreende é plana, se não convence é plana com pretensão à esférica.

Forster (1949) também distingue personagem de ficção e pessoa viva,

Se a personagem de um romance é, exatamente, como a rainha Vitória, (não parecida, mas exatamente igual), então ela é realmente a rainha Vitória, e o romance, ou tôdas as suas partes que se referem a esta personagem, se torna uma monografia. Ora, uma monografia é história, baseada em provas. Um romance é baseado em provas, mais ou menos x; a quantidade desconhecida é o temperamento do romancista, e ela modifica o efeito das provas, transformando-o, por vezes, inteiramente (FORSTER, 1949)⁶.

No romance o sentimento da realidade se dá devido fatores diferentes da adesão ao real e, embora seja um dos elementos, ao trabalhar com um modelo da realidade, o autor sempre acrescenta algo. Portanto, a personagem deve manter certa relação com a realidade do mundo, características que deem a impressão de que ela vive, porém isso não significa dizer que será uma cópia de alguém da realidade, mas que terá alguns aspectos que possibilitem certa comparação com a mesma.

Em relação ao processo de construção de personagem François Mauriac (1952)⁷ diz que “o grande arsenal de um romancista é a memória, de onde extrai os elementos da invenção” (p. 66-67), pois as personagens não são pessoas vivas, mas são feitas a partir delas.

O autor evidencia que é de extrema importância que o romance não procure reproduzir a realidade, pois, “na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso” (MAURIAC, 1952)⁸.

Mauriac (1952) propõe uma classificação de personagens levando em consideração o grau de afastamento em relação ao ponto de partida na realidade: 1) Disfarce leve do romancista: quando o autor muda poucas coisas da personagem tendo em vista a realidade, ocorre nos romancistas memorialistas. 2) Cópia fiel de pessoas reais: personagens reproduzidas de seres vivos, ocorre nos romancistas retratistas. 3) Inventadas: personagens criadas, onde a realidade é a inspiração e não passa de um ponto inicial à criação da personagem.

⁶ Op. Cit. (p. 47).

⁷ Op. Cit. (p. 66-67).

⁸ Op. Cit. (p. 67).

Ao evidenciar os tipos de personagens, Cândido (2004) diz que “só há um tipo eficaz de personagem, a inventada; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade” (p. 69), ou seja, o autor deve buscar inspiração no real para poder construir sua personagem, então, realizará um trabalho que funcionará. E, a personagem sendo o paradoxo do ser-fictício oscila entre uma transposição fiel de modelos e uma invenção totalmente imaginária.

Ainda em relação à criação das personagens, o autor esquematiza outras possibilidades de personagens como: 1) Personagens transpostas, que são aquelas que se devem às experiências (interna ou externa) do romancista, quando a experiência é interna tem-se a chamada personagem projetada, incorporando vivências e sentimentos do próprio autor. Quando a experiência é externa é a transposição de pessoas com as quais o romancista teve contato direto (histórias de pai, mãe, por exemplo); 2) Personagens transpostas de modelos anteriores, que o autor reconstitui indiretamente, são aquelas personagens de documentação ou testemunho com ajuda da imaginação; 3) Personagens construídas a partir de um modelo real, são aquelas que o conhecido para o autor serve de inspiração, de ponto de partida, não sendo tal e qual o real, mas podendo identificá-lo. 4) Personagens construídas em torno de um modelo, são as personagens que o conhecido se torna um pretexto básico, um estímulo para sua caracterização, onde a imaginação é muito usada por meio da fantasia, onde também as características da personagem não convêm ao modelo real. 5) Personagens construídas em torno de um modelo real predominante, são as que junto com o modelo predominante têm outros modelos secundários refeitos e construídos pela imaginação do romancista. 6) Personagens elaboradas com fragmentos de vários modelos vivos, sem predominância de uns sobre outros, resultando em uma personalidade nova; O autor ressalta sobre as personagens elaboradas mais ou menos na realidade, que há aquelas “em que as raízes desaparecem de tal modo na personagem fictícia resultante que ou não têm qualquer modelo consciente, ou os elementos eventualmente tomados à realidade não podem ser traçados pelo próprio autor” (p. 73), sendo assim, recebendo mais estímulos interiores que exteriores.

Em todos esses casos simplificados pelo autor, tem-se o trabalho criador, em que a memória (ver próximo tópico), a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis, sendo assim, a natureza da personagem depende também das intenções do romancista e da concepção que preside o romance.

O autor conclui que a verdade da personagem,

Depende, antes do mais, da função que exerce na estrutura do romance, de modo a concluirmos que é mais um problema de organização interna que de equivalência à realidade exterior (CÂNDIDO, 2004, p. 75).

Logo, para o autor, a verossimilhança acaba dependendo da organização estética do material, portanto, o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Nesse sentido o laço com a realidade só pode ser considerado como sentimento de verdade se todos os elementos do romance estiverem ajustados de maneira adequada.

O que nota-se é que há a necessidade de adequar as personagens à concepção da obra e às situações que constituem a trama. A organização do romance é tão importante que,

Um traço **irreal** pode tornar-se verossímil, conforme a ordenação da matéria e os valores que o norteiam, sobretudo o sistema de convenções adotado pelo escritor; inversamente, os dados mais autênticos podem parecer irreais e mesmo impossíveis, se a organização não os justificar (CÂNDIDO, 2004, p. 77).

Essa “inversão de valores” pode ocorrer porque a personagem, assim como o romance, é construída por meio de uma composição verbal na qual pode haver uma vasta gama de palavras, utilizadas com cautela para que sugira uma dada realidade.

Beth Brait em sua obra *A personagem* (1985) faz uma breve reflexão acerca da confusão muitas vezes feita em relação à personagem (ser ficcional) e pessoa (ser vivo, real). Fala que o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras e que, além disso, personagens representam pessoas, seguindo modalidades próprias da ficção. Segundo ela,

Se quisermos saber alguma coisa a respeito de personagens, teremos de encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar formas as suas criaturas, e aí pinçar a independência, a autonomia e a ‘vida’ desses seres de ficção (BRAIT, 1985, p. 09).

Brait (1985) trata ainda de reprodução e invenção, ressaltando a íntima relação das características do espaço e personagem da narrativa com o espaço e ser humano. Para tanto, volta a falar do universo da linguagem, ou melhor, de uma das “formas inventadas pelo homem para representar, simular e criar a chamada realidade” (p. 10), salientando o fato de muitas vezes se tomar como realidade o que é apenas linguagem. Cita como exemplos para explanação do assunto a linguagem fotográfica e a pintura “os retirantes”, de Candido Portinari, para mostrar que apesar de em ambos os casos o modelo inicial ser

algo real, concreto, o que parece reprodução passa ou pode passar por uma vasta invenção/reinvenção.

O fotógrafo utiliza conscientemente os recursos oferecidos pelo 'código fotográfico', selecionando e combinando os elementos necessários para *criar uma realidade*, ainda que, para um receptor ingênuo, pareça estar apenas reproduzindo uma realidade (BRAIT, 1985, p. 11).

Assim sendo, “a ideia de **reprodução e invenção** de seres humanos combina-se no processo artístico, por meio dos recursos de linguagem de que dispõe o autor” (BRAIT, 1985, p.13). Conseqüentemente, o autor pode distorcer a realidade exterior à obra, reinventando e mostrando diversas visões dessa realidade.

Isto posto, pode-se dizer que a organização dos elementos de maneira adequada e convencionalização destes pelo autor faz com que a personagem tenha não um caráter fragmentário, mas exista com mais veracidade, até mesmo, do que um ser vivo. Essa noção de existência (ou de realidade) acentua-se mais ainda quando há a descrição dos detalhes, dos pormenores e, os traços vão adquirindo sentido ou sentidos em função do outro.

Assim, Cândido (2004), conclui sobre construção da personagem que, “Os romancistas do século XVIII aprenderam que a noção de realidade se reforça pela descrição de pormenores, e nós sabemos que, de fato, o detalhe sensível é um elemento poderoso de convicção”(p. 79).

Memória

Como Cândido (2004) enfatiza, outro elemento importante para a construção das personagens e melhor compreensão da narrativa é a memória, que será tratada aqui, segundo Le Goff (1990).

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Assim, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria.

Os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem "na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui" (LE GOFF, 1990, p. 367).

Leroi-Gourhan (1964-65, p. 269)⁹ considera e distingue três tipos de memória: memória *específica*, memória *étnica*, memória *artificial*: Memória é entendida, na obra de Le Goff (1990), em sentido muito lato. Não é uma propriedade da inteligência, mas a base, seja ela qual for, sobre a qual se inscrevem as concatenações de atos.

Pode-se a este título falar de uma "memória específica" para definir a fixação dos comportamentos de espécies animais, de uma memória "étnica" que assegura a reprodução dos comportamentos nas sociedades humanas e, no mesmo sentido, de uma memória "artificial", eletrônica em sua forma mais recente, que assegura, sem recurso ao instinto ou à reflexão, a reprodução de atos mecânicos encadeados.

A colocação da memória fora do tempo separa radicalmente a memória, da história. "O esforço de memorização, predicado e exaltado no mito, não manifesta o vestígio de um interesse pelo passado, nem uma tentativa de exploração do tempo humano" (LE GOFF, 1990, p. 379). Portanto, segundo a sua orientação, a memória pode conduzir à história ou distanciar-se dela.

Em *Primeira Manhã*, há traços históricos, pois a narrativa se dá de acordo com o tempo e a realidade das pessoas em uma determinada época, porém, não se trata de uma narrativa histórica, é literária, pois o principal objetivo é a vida das personagens desse romance, principalmente, de Alfredo, além do que Dalcídio Jurandir não conta o que se passava naquela época de maneira direta, e sim, por meio das personagens, narra situações que ajudem a caracterizá-las de acordo com a realidade vigente.

No romance há muita digressão, sendo assim, o fluxo de memória é intenso, muitas informações alternadas, marcadas, diversas vezes, por interrogações envolvendo histórias e personagens, porém, essas digressões e rememorações irão dar consistência psicológica às personagens, à medida que por meio desses recursos temporais passaremos a entender a narrativa em seu presente.

No romance, a realidade se confunde com o imaginário, por meio das alternâncias de passado e presente. Sendo que é por meio da linguagem que a realidade é recriada e, separar essa linguagem da realidade permite-nos entender que se está em um eterno presente da memória, pois a realidade no presente se torna logo imaginária, à medida que essa realidade quando contada já se passou, portanto, pode-se ou não ser acrescida de algo.

⁹ Apud LE GOFF, Jacques. *Historia e Memoria* (tradução Bernardo Leitão... [et al.]) Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE_GOFF_HistoriaEMemoria.pdf> Acesso em 23 de março de 2012, p. 368.

No decorrer da obra, Alfredo e outras personagens usam de memórias para falar sobre fases de suas vidas e, por mais que seja de maneira indireta, essas memórias encontram-se entrelaçadas às memórias do grupo ao qual pertencem. Logo no início do romance, por exemplo, d. Santa já tece memórias acerca de Luciana e do porquê de ela não ter ido à Belém estudar.

Acabando, em Cachoeira, a escola primária com nota oito – seu caderno de caligrafia e ditado atestava. Uma letra de benza-te Deus, nenhum borrão, a palmeira a lápis de cor na capa enfeitada de fitas, tudo da cabeça dela – Luciana até pediu: Mas me mandem pro Ginásio, eu quero. Mandaram? Haveres não tinham para interná-la pensionista no Santa Catarina, no Santo Antonio? Instruirzinho a menina no Liceu, ofendia? Foi a mãe que disse não? Disse ‘não’, acabou-se, o pai quis uma palavra... o não mal saindo da boca de sua mulher, parecendo mais dos olhos, tão manso, baixo, era a lei? O coronel a língua engoliu. As duas irmãs mais velhas invejaram? Restava saber. D. Santa não explicava (JURANDIR, 2009, p. 33).

A história de Alfredo e das outras personagens representa a história conjunta de um grupo social cujos componentes participam com recortes de lembranças que, aos poucos, vão desenhando o mapa cultural e o espaço geográfico em que a narrativa se passa (Marajó e de Belém). Em *Primeira Manhã*, mesclam-se o espaço e a memória e no ponto de articulação entre esses dois aspectos, está a figura de Alfredo. Nesse sentido é relevante tratar a respeito tanto da memória individual quanto da coletiva.

Schmidt e Mahfoud (1993) falam da impossibilidade de uma memória ser exclusivamente individual haja vista que as lembranças dos indivíduos são sempre construídas a partir da relação com determinado grupo social. Assim, memória individual pode ser entendida como “um ponto de convergência de diferentes influências sociais e como uma forma particular de articulação das mesmas” (SCHMIDT E MAHFOUD, 1993, p. 291), já a coletiva é o “acervo de lembranças compartilhadas” que se dão por meio do trabalho que o grupo social realiza, articulando as lembranças em quadros sociais comuns.

Sendo assim, é por meio da memória coletiva que cada indivíduo terá a sua, chamada, memória individual. Em *Primeira Manhã*, Alfredo narra sua história por meio de memórias intensas, pois o enredo dessa narrativa é sobre as primeiras manhãs de seu colegial. E, entre essas manhãs de Alfredo diversas histórias e conseqüentemente diversos personagens, farão parte da história do protagonista, que ao decorrer da obra vai-se descobrindo e passando de menino para rapaz, de acordo com suas experiências dentro de um grupo. Além disso, vale ressaltar a importância da lembrança pessoal dentro dessas

perspectivas de memória explicitadas até aqui, pois Halbwachs (1990)¹⁰ a considera importante para a construção da memória dos indivíduos, além do mais, cada memória irá sofrer influência de experiências.

Le Goff (1990) diz que entre as manifestações importantes ou significativas da memória coletiva, encontra-se o aparecimento de dois fenômenos no século XIX e no início do século XX. O primeiro é a construção de monumentos aos mortos após a Primeira Guerra Mundial (a comemoração funerária encontra aí um novo desenvolvimento). E o segundo é a fotografia, que revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a dando uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. Em *Primeira Manhã*, esse fenômeno referente à fotografia pode ser visto em momentos em que as personagens usam de objetos palpáveis/concretos para por meio destes rememorar acontecimentos, como quando em plena sala de aula, ao olhar o professor relembra de coisas vividas em Muaná,

Viu de repente no rosto da inspetora, entrou saiu, a carroça que na rua rodava, fixou-se nos beijos do professor, dissolvidos no rosto do peixe azulado de gelo e barba, a lição escorria. Os óculos faiscavam, refletindo velhas águas do chalé, o rio no sol das duas da tarde; antigos olhos de menino pela beira d'água; a lição distanciava-se. Terá visto uma vez o reflexo de um raio no rio, a água clareando pelo fundo, a canarana, um peixe-boi boiou, encadeado. Que estou fazendo aqui, quem marcou este encontro entre estas criaturas e aquele gelado peixe de óculos? Que entendimento há de sair deste ouvir de muitos e daquele falar de um só? Que está fazendo aqui, lhe disse a mãe ao apanhá-lo conversando com a Eunice, em Muaná. De novo o vago gesto de tédio e impaciência do peixe no seu aquário, riscando o quadro negro (JURANDIR, 2009, p. 36).

O autor também fala da história dita "nova", que se esforça por criar uma história científica a partir da memória coletiva, podendo ser interpretada como uma revolução da memória cumprindo uma "rotação" em torno de alguns eixos fundamentais: Uma problemática abertamente contemporânea, com uma iniciativa em que se renuncia a uma temporalidade linear em proveito dos tempos vividos múltiplos "nos níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo (lingüística, demografia, economia, biologia, cultura)" (LE GOFF, 1990, p. 408). As rememorações de Alfredo em relação à sua volta ao Camamoro para procurar por Luciana fazem com que elementos do social e coletivo também sejam explanados:

¹⁰ Apud SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória coletiva e experiência*. Páginas:285–298.SP:Instituto de psicologia-USP,1993. Disponível em:<<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicousp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>> Acesso em: 29 de agosto de 2012.

Passou pela fazenda sem nada saber, trazendo no seu galope aquela obscura visão do tabocal, raio, Luciana, dezesseis porcos que hoje povoa a José Pio e bate a sua marcha, ida e volta do Ginásio a José Pio. Pois não foi que, na volta de Camomoro, também passou pela Mãe Maria? Tinha um baile de brancos na casa de soalho, no rancho de chão os vaqueiros arrastavam o pé [...] (JURANDIR, 2009, p. 46).

A evolução das sociedades na segunda metade do século XX clarifica a importância do papel que a memória coletiva desempenha. Portanto, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2009, p. 410). Assim, a memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro, devendo ser trabalhada de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.

Considerações

Neste artigo, objetivou-se discutir acerca da construção da personagem, mostrando os diferentes tipos de personagens e seus processos de construção, ressaltando a importância da caracterização destas para a compreensão do romance *Primeira Manhã*. Tratou-se ainda como o modo de caracterização das personagens e a memória são elementos relevantes na narrativa, enfatizando como a memória influencia na composição delas. Portanto, pode-se afirmar que a construção da personagem do romance se dá por meio da criação literária, envolvendo fantasia, ficção e a relação realidade e ficção, ou seja, um processo contínuo de verossimilhança.

Referências

- BRAIT, Beth. *A personagem*. 3ª edição. São Paulo: Ática, 1985. Disponível em: <http://scholar.google.com.br/scholar?lr=lang_pt-BR&q=a+personagem&hl=pt-BR&as_sdt=0,5> Acesso em 26 de agosto de 2012.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem do romance*. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- JURANDIR, Dalcídio. *Primeira Manhã*. 2ª edição. Belém, EDUEPA, 2009.
- LE GOFF, Jacques. *Historia e Memoria* (tradução Bernardo Leitão... [et al.]) Campinas, SP UNICAMP, 1990. Disponível em: <http://xa.yimg.com/kq/groups/19906282/820661633/name/LE_GOFF_Historia&Memoria.pdf> Acesso em 23 de março de 2012.
- SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. *Halbwachs: Memória coletiva e experiência*. Páginas: 285 – 298. São Paulo: Instituto de psicologia-USP, 1993. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/psicosp/v4n1-2/a13v4n12.pdf>> Acesso em: 29 de agosto de 2012.

ABSTRACT: This article discusses about how is the process of building the character in the novel. The basis for exemplification will be the sixth novel of novelistic cycle of the Far North Dalcídio Jurandir, *First Morning*. For further analysis and discussion during this work was up discussions raised by Brait (1985) about character, Candido (2004) on building character, Le Goff (1990) in his discussion of time and memory in the narrative, among other authors that supported.

KEYWORDS: Character; *First Morning*; memory; Likelihood.